

Todos sabemos, e agora?

**NOEL, NOEL!
AQUI, NOEL!**



TARSO
NATAL 76

A tomada de consciência de que este país realmente não está bem pode ser colocada entre os acontecimentos mais significativos do ano que estamos terminando. Na verdade sabíamos, há tempo, que muita coisa caminhava mal. Por medo, teimosia ou falta de espaço não explicitávamos, abertamente, em nossas conversas mais públicas, essa verdade. Foi o processo de abertura, ainda em fase de ensaio, que permitiu o contato com essa realidade. Infelizmente, por paradoxal que seja, constatamos que somos um país rico pobre. Se é que me entendem.

Hoje, o que se vê, deixa no ar um otimismo maior, apesar de estarmos vivendo, talvez, a crise mais aguda dos últimos quinze anos. Naverdade é um passo importantíssimo admitirmos que a coisa não anda dentro dos conformes. E isso tem sido dito até por integrantes do mais alto escalão do Governo Federal. E, quando falo que a esperança está redobrada não olho, por exemplo, para os efeitos futuros que poderão surgir a partir do pacote econômico do General Figueiredo. Não, não é isso a perspectiva de possibilidades para sairmos do atoleiro econômico, político e social, surge exatamente porque estamos falando, estamos reconhecendo que a situação brasileira pode ser tachada de perigosa, muito perigosa. Quem diz isso são parlamentares arenistas de visão mais aberta, que utilizam, em alguns momentos, a dura linguagem antes usada por opositores que acabaram perdendo a cabeça. Quem afirma que precisamos mudar são os empresários, hoje abertamente fazendo críticas ao sistema, inclusive pelo monstro sagrado e mais censurado desta terra que é a televisão. Quem está admitindo, com franqueza até espantosa, que as pedras nas estradas já são demais, é a inconstante pequena burguesia brasileira que fez calos nas mãos,

nos últimos anos, de tanto aplaudir.

Vejam que isso, realmente é significativo. Principalmente porque o Governo dá demonstração de temor e não sabe se vai conseguir, com a série de medidas que já adotou, a superar todas as dificuldades. É significativo porque, a partir disso, parece que o povo brasileiro, através, evidentemente, das camadas que conseguem pensar, começa a achar que a saída só virá, de modo seguro, mesmo a longo prazo, com a participação de todos. Essa minha impressão é muito particular, claro, e pode ter nela mais desejo do que fatos quotidianos, entretanto os indícios permitem alimentar esse sonho.

De 1974 para cá, quando começamos a fazer uma pequena avaliação de cada ano que está por terminar, tivemos várias situações e circunstâncias indicando ora pessimismo, ora menos pessimismo. O otimismo, mesmo, nunca deu a cara com evidência palpável. O fato expressivo que estou sentindo, neste últimos dias da década de setenta, é a sensação de otimismo que passou a me envolver ao somar acontecimentos ao longo de 1979. Se não me engano 79 marca a pior crise dos últimos anos. E isso pode parecer uma pequena contradição, mas não é bem assim. Ocorre que o otimismo nasce, exatamente, de duas coisas fundamentais para uma Nação que nunca pode decidir onde colocar seu nariz: primeiro a constatação de que estamos atolados no brejo e, segundo, que estamos nos convencendo na necessidade da mais ampla e total participação de todas as camadas da população no processo brasileiro. Não é coisa para amanhã, mas o afloramento da hipótese é extremamente salutar.

Pode ocorrer, inclusive, e é bom que se deixe claro, uma fechadura, ou um retrocesso na abertura, como queiram. Mas isso não invalida a tese. É uma questão de tempo,

apenas.

Na verdade vou alinhar alguns fatos que podem ter contribuído para essa nova realidade nesta pátria. Onde foi nossa justiça? Os linchamentos registrados no decorrer do ano funcionaram como um pontapé nos fundilhos. E as depredações na Central do Brasil? E as mortes de operários durante as greves, por exemplo, de Belo Horizonte e São Paulo? E os incidentes de Florianópolis com o General Figueiredo? E o clima de violência que tomou proporções jamais vistas? E a insegurança nas ruas e nos lares? Coloco apenas estas questões porque, se a memória não falha, foi Pedro Álvares Cabral quem, em 1500, disse que o povo brasileiro é muito pacífico, ordeiro. "Daquela data até nossos dias, unanimemente, a esquerda e a direita não se cansaram de afirmar que o "brasileiro é um povo pacífico é o mais pacífico do mundo". Se isso é verdade, e cremos que se não atinge cem por cento temos muitas razões para acreditar nisso, como explicar esse caos todo??? A palavra não mágica, ela anda de boca em boca, e na sua simplicidade diz tudo: "miséria."

Se estou colocando isso na véspera de Natal é porque a data exerce um fascínio incrível sobre a humanidade, sensibilizando os mais empedernidos dos corações. E, porque, o Natal permite um momento de reflexão, mesmo porque este incontestavelmente, é o conteúdo, o significado do nascimento de Jesus para os homens - cristão ou não. E a reflexão não exige maiores complicações e uma pequena frase pode ser o início de tudo: "sim, sabemos, e agora?" Pensei nisso ao observar o cartum do Paulo de Tarso Ricordi que me acompanha neste comentário e que estava em nosso arquivo desde 1976. Incrível, não é, de 76 para cá a situação desses meninos só piorou...

IVALDINO TASCA

Comunismo, pimenta & colírio

Qualquer país, já razoavelmente desenvolvido e civilizado, tem o seu Partido Comunista legalizado e atuando tranquilamente na vida política nacional. Aqui não, aqui queremos consolidar uma coisa engraçadíssima, isto é, permitir a existência dos comunistas, eis que existirão sempre, mas não se permite a reunião, aberta, efetiva em torno de um partido.

E, apesar disso, vivemos algo de fantástico, só possível nesta incrível Nação do **non sense**, onde se transfere cem famílias do Mato Grosso do Sul para a Bahia sob a alegação de que não existe terra. Me mije de rir com isso, mas é um outro problema. O fantástico é que não se permite o Partido Comunista, mas sempre que alguém quer da Oposição, quer do Governo e mesmo a Imprensa, o fala do sr. Luiz Carlos Prestes, por exemplo, diz "o secretário-geral do Partido Comunista Brasileiro". Coisas da vida.

Na verdade, hoje, pouquíssimos saberiam dizer qual é o tamanho exato do Partido Comunista Brasileiro. Aliás, tem muita gente que se pergunta: "de que tamanho é ele mesmo?" O pessoal de esquerda, por exemplo, sabe que o partido é pequeno. O povão, desde que a máquina do anti-comunista passou a funcionar, a todo vapor, acredita que é o maior partido do Ocidente, perdendo apenas para a extinta Arena, talvez. Já o Governo também sabe que o PCB é pequeno, não tem hoje qualquer expressão eleitoral e que custará muito até conseguir isso. Mesmo assim ninguém de dentro do sistema se mostra disposto a levar adiante a meta da legalização do PCB.

Pois é, pequeno, bem pequeno, mas o que tem incomodado, a maioria das vezes sem querer, não tem no mapa. E isto que ninguém deseja o apoio dos comunistas. Mas vejam bem, a menos que uma peste acabe liquidando todos de uma só vez, comunistas existirão sempre. No Brasil, por exemplo, eles não tem espaço para atuar e obrigatoriamente terão que participar de um dos partidos biônicos que surgirão no próximo ano. E isso dá cada bode!

Ainda outro dia o sr. Luiz Carlos Prestes, secretário-geral do PCB (eu não disse?) afirmou que apoiaria o PMDB. Foi um Deus nos acuda e logo vieram as explicações dos pmdebistas afirmando que "não podiam pedir atestado ideológico a seus integrantes". Apesar do forobodó foi uma explicação, no mínimo lógica. Entretanto não tenham dúvidas, fatos como esse deverão ser corriqueiros daqui para a frente. Isto porque o Partido Comunista é uma batata quente que o sistema está largando na mão da Oposição brasileira.

A não legalização do Partido Comunista segue uma lógica bastante clara do sistema. Notem que o anti-

comunismo vem sendo a planta mais bem adubada, cuidada, regada deste imenso país. Ainda lembro, nos tempos de escolas, particularmente na época em que passei pelo Conceição, como eram tratados os comunistas. O mínimo que faziam era comer sanduíche de crianças. Coisa horrível. Muita gente optava fácil pelo demônio quando tinha que escolher entre ele e o comunismo.

Até lembro, como se fosse hoje, que um garotinho do então quinto ano primário, depois de escutar, no corredor do colégio uma longa pregação anti-comunista e uma dissertação sobre o paraíso norte-americano (é a nossa antiga mania de ter que escolher entre o diabo e o demônio), fez uma observação que desmontou o simpático irmão marista. O piaçote ouviu atento e de repente, lascou esta: "quer dizer que tudo que existe nos Estados Unidos é bom, irmão?" Evidentemente que a resposta veio sem qualquer vacilação: "é claro que é". Ai o garoto, na ingenuidade de seus onze anos observou: "então quer dizer que o divórcio é coisa boa?" Para quem lembra do que isso significava há mais de quinze anos vai entender porque a tirada do garoto desconcertou completamente o irmão marista.

E o tempo foi passado. E com ele uma transformação violenta na indústria do anti-comunismo. Assim, aquilo que era feito de maneira artesanal, no fundo do quintal, por assim dizer, assumiu a forma de um conglomerado, abocanhando novas tecnologias e se transformou na mais pujante e expressiva indústria do país desde 1500 para cá. Se é que vão me entender, poderíamos dizer que até incentivos "fiscais" foram canalizados para consolidar a indústria do anti-comunismo no Brasil. Coisa que virou moda em toda a América Latina. O crescimento foi tão fantástico que se o nosso PNB fosse medido por ela nossa dívida externa seria uma ninharia. A base da nossa teoria da segurança nacional (pelo que se vê em termos de medo, criminalidade, assaltos e miséria até parece insegurança nacional) está no anti-comunismo, pois sem ele não teria as mínimas condições de existir.

Na verdade o brasileiro se acostumou a observar as coisas como se o Brasil fosse tomado pelos comunistas amanhã de manhã. E, como nos tempos de escola, o brasileiro tem pipocas por todo o corpo quando falamos em comunismo. Eu por exemplo, já desconcertei muita gente com uma brincadeira que, no fundo, serve para deboche e para quebrar o gelo. Sempre que vejo um barbudo não tenho dúvidas em afirmar: "prá mim barbudo é comunista ou relachado". Pronto, tá feita a bobagem. Ainda outro dia um aprendiz de burocrata, recém chegado às benesses do sistema me olhou com uma cara feia, muito feia, diante da observação. E não teve a

menor dúvida, em afirmar: "prefiro ser relachado". Ai não tive dúvidas em escotar: "como não aceito o maniqueísmo caboclo digo que uso barba

porque sou

alérgico... "Tóooooongggg.

Pois bem, o sistema que sabia dos preconceitos antigos resolveu tornar mais primitivo ainda o anti-comunismo no Brasil. E, afora a propaganda que vem fazendo, subliminarmente inclusive, não deseja e tão cedo não vai permitir a legalização do Partido Comunista Brasileiro. Claro, gente, assim ele fica com um trunfo muito bom nas mãos para ameaçar, principalmente a pequena burguesia cagona, sempre que a Oposição começar a crescer. É fácil, muito mais fácil que assustar criança com o bicho-papão. Como preferimos o diabo e seu fogo do inferno do que o comunismo, o sistema ergue a cabeça e só fica olhando, rindo com aquele sorriso tipo "maquiavel é fchinha".

Para tornar a coisa mais clara, basta lembrar, por exemplo, que o sr. Leonel Brizola já afirmou que não quer nada com os comunistas. Até dizem que o seu Brizola sempre dá tres batidinhas na mesa (toc, toc, toc) sempre que é obrigado a pronunciar a palavra comunista. Evidentemente que o PD e o PP do Tancredo Neves também nada querem o com os comunistas. A maciça maioria do sucedâneo do MDB, o hoje PMDB, que se não é anti-comunista não gostaria de cerrar fileiras com os comunistas, por divergências políticas e ideológicas, vai ter que aguentar toda a carga. O PMDB pretende avançar, que o caos em que nos encontramos exige isso. E se inventar de crescer já sentiram, né? Já estamos vendo, desde agora, o pessoal falar, cochichar ao pé do ouvido que "os comunistas estão no PMDB". E isso, irmãos de sofrimentos, pega pior que sangue-suga em lagoa morna e podre de época de verão.

É por isso que o sistema não legaliza o PCB. Primeiro que ficaria até vexatório para a fábrica do anti-comunismo quando o povo descobri que em termos de número existem poucos comunistas no Brasil. Numa campanha aberta, legal, não dá um vereador em Passo Fundo. Segundo porque o sistema vai ter sempre um bode expiatório quando as críticas se tornarem contundentes, quando precisar explicar o inexplicável. Basta por a culpa nos comunistas. Como, aliás, aconteceu aqui em Passo Fundo, quando, em fevereiro, morreram tres pessoas a partir do incidente com brigadianos e motoqueiros. Aquilo foi obra dos comunistas, aliás como é obra dos comunistas a fome, a miséria e a violência que imperam neste país. Comunismo funciona como pimenta pra oposição e limonada pro sistema. E se é tão bom, tão bom porque trocar, né?

Comunismo, pimenta & colírio

Qualquer país, já razoavelmente desenvolvido e civilizado, tem o seu Partido Comunista legalizado e atuando tranquilamente na vida política nacional. Aqui não, aqui queremos consolidar uma coisa engraçadíssima, isto é, permitir a existência dos comunistas, eis que existirão sempre, mas não se permite a reunião, aberta, efetiva em torno de um partido.

E, apesar disso, vivemos algo de fantástico, só possível nesta incrível Nação do **non sense**, onde se transfere cem famílias do Mato Grosso do Sul para a Bahia sob a alegação de que não existe terra. Me mije de rir com isso, mas é um outro problema. O fantástico é que não se permite o Partido Comunista, mas sempre que alguém quer da Oposição, quer do Governo e mesmo a Imprensa, o fala do sr. Luiz Carlos Prestes, por exemplo, diz "o secretário-geral do Partido Comunista Brasileiro". Coisas da vida.

Na verdade, hoje, pouquíssimos saberiam dizer qual é o tamanho exato do Partido Comunista Brasileiro. Aliás, tem muita gente que se pergunta: "de que tamanho é ele mesmo?" O pessoal de esquerda, por exemplo, sabe que o partido é . O povão, desde que a máquina anti-comunista passou a funcionar, a todo vapor, acredita que é o maior partido do Ocidente, perdendo apenas para a extinta Arena, talvez. Já o Governo também sabe que o PCB é pequeno, não tem hoje qualquer expressão eleitoral e que custará muito até conseguir isso. Mesmo assim ninguém de dentro do sistema se mostra disposto a levar adiante a meta da legalização do PCB.

Pois é, pequeno, bem pequeno, mas o que tem incomodado, a maioria das vezes sem querer, não tem no mapa. E isto que ninguém deseja o apoio dos comunistas. Mas vejamos bem, a menos que uma peste acabe liquidando todos de uma só vez, comunistas existirão sempre. No Brasil, por exemplo, eles não tem espaço para atuar e obrigatoriamente terão que participar de um dos partidos biônicos que surgirão no próximo ano. E isso dá cada bode!

Ainda outro dia o sr. Luiz Carlos Prestes, secretário-geral do PCB (eu não disse?) afirmou que apoiaria o PMDB. Foi um Deus nos acuda e logo vieram as explicações dos pmdebistas afirmando que "não podiam pedir atestado ideológico a seus integrantes". Apesar do forobodó foi uma explicação, no mínimo lógica. Entretanto não tenham dúvidas, fatos como esse deverão ser corriqueiros daqui para a frente. Isto porque o Partido Comunista é uma batata quente que o sistema está largando na mão da Oposição brasileira.

A não legalização do Partido Comunista segue uma lógica bastante clara do sistema. Notem que o anti-

comunismo vem sendo a planta mais bem adubada, cuidada, regada deste imenso país. Ainda lembro, nos tempos de escolas, particularmente na época em que passei pelo Conceição, como eram tratados os comunistas. O mínimo que faziam era comer sanduíche de crianças. Coisa horrível. Muita gente optava fácil pelo demônio quando tinha que escolher entre ele e o comunismo.

Até lembro, como se fosse hoje, que um garotinho do então quinto ano primário, depois de escutar, no corredor do colégio uma longa pregação anti-comunista e uma dissertação sobre o paraíso norte-americano (é a nossa antiga mania de ter que escolher entre o diabo e o demônio), fez uma observação que desmontou o simpático irmão marista. O piaçote ouviu atento e de repente, lascou esta: "quer dizer que tudo que existe nos Estados Unidos é bom, irmão" Evidentemente que a resposta veio sem qualquer vacilação: "é claro que é". Aí o garoto, na ingenuidade de seus onze anos observou: "então quer dizer que o divórcio é coisa boa?" Para quem lembra do que isso significava há mais de quinze anos vai entender porque a tirada do garoto desconcertou completamente o irmão marista.

E o tempo foi passado. E com ele uma transformação violenta na indústria do anti-comunismo. Assim, aquilo que era feito de maneira artesanal, no fundo do quintal, por assim dizer, assumiu a forma de um conglomerado, abocanhando novas tecnologias e se transformou na mais pujante e expressiva indústria do país desde 1500 para cá. Se é que vão me entender, poderíamos dizer que até incentivos "fiscais" foram canalizados para consolidar a indústria do anti-comunismo no Brasil. Coisa que virou moda em toda a América Latina. O crescimento foi tão fantástico que se o nosso PNB fosse medido por ela nossa dívida externa seria uma ninharia. A base da nossa teoria da segurança nacional (pelo que se vê em termos de medo, criminalidade, assaltos e miséria até parece insegurança nacional) está no anti-comunismo, pois sem ele não teria as mínimas condições de existir.

Na verdade o brasileiro se acostumou a observar as coisas como se o Brasil fosse tomado pelos comunistas amanhã de manhã. E, como nos tempos de escola, o brasileiro tem pipocas por todo o corpo quando falamos em comunismo. Eu por exemplo, já desconcertei muita gente com uma brincadeira que, no fundo, serve para deboche e para quebrar o gelo. Sempre que vejo um barbudo não tenho dúvidas em afirmar: "prá mim barbudo é comunista ou relachado". Pronto, tá feita a bobagem. Ainda outro dia um aprendiz de burocrata, recém chegado às benesses do sistema me olhou com uma cara feia, muito feia, diante da observação. E não teve a

menor dúvida, em afirmar: "prefiro ser relachado" Aí não tive dúvidas em estocar: "como não aceito o maniqueísmo caboclo digo que uso barba

porque sou

alérgico... "Tóooooongggg.

Pois bem, o sistema que sabia dos preconceitos antigos resolveu tornar mais primitivo ainda o anti-comunismo no Brasil. E, afora a propaganda que vem fazendo, subliminarmente inclusive, não deseja e tão cedo não vai permitir a legalização do Partido Comunista Brasileiro. Claro, gente, assim, ele fica com um trunfo muito bom nas mãos para ameaçar, principalmente a pequena burguesia cagona, sempre que a Oposição começar a crescer. É fácil, muito mais fácil que assustar criança com o bicho-papão. Como preferimos o diabo e seu fogo do inferno do que o comunismo, o sistema ergue a cabeça e só fica olhando, rindo com aquele sorriso tipo "maquiavel é fchinha".

Para tornar a coisa mais clara, basta lembrar, por exemplo, que o sr. Leonel Brizola já afirmou que não quer nada com os comunistas. Até dizem que o seu Brizola sempre dá tres batidinhas na mesa (toc, toc, toc) sempre que é obrigado a pronunciar a palavra comunista. Evidentemente que o PD e o PP do Tancredo Neves também nada querem o com os comunistas. A maioria da maioria do sucedâneo do MDB, o hoje PMDB, que se não é anti-comunista não gostaria de cerrar fileiras com os comunistas, por divergências políticas e ideológicas, vai ter que aguentar toda a carga. O PMDB pretende avançar, que o caos em que nos encontramos exige isso. E se inventar de crescer já sentiram, né? Já estamos vendo, desde agora, o pessoal falar, cochichar ao pé do ouvido que "os comunistas estão no PMDB". E isso, irmãos de sofrimentos, pega pior que sangue-suga em lagoa morna e pode de época de verão.

É por isso que o sistema não legaliza o PCB. Primeiro que ficaria até vexatório para a fábrica do anti-comunismo quando o povo descobri que em termos de número existem poucos comunistas no Brasil. Numa campanha aberta, legal, não dá um vereador em Passo Fundo. Segundo porque o sistema vai ter sempre um bode expiatório quando as críticas se tornarem contundentes, quando precisar explicar o inexplicável. Basta por a culpa nos comunistas. Como, aliás, aconteceu aqui em Passo Fundo, quando, em fevereiro, morreram tres pessoas a partir do incidente com brigadianos e motoqueiros. Aquilo foi obra dos comunistas, aliás como é obra dos comunistas a fome, a miséria e a violência que imperam neste país. Comunismo funciona como pimenta pra oposição e limonada pro sistema. E se é tão bom, tão bom porque trocar, né?

IVALDINO TASCA

Os militares e a abertura

Apesar dessa aragem que sopra, trazendo o arzinho fresco que permite respirar um pouco mais fundo nestes dias de mor-maço, são poucos os que se aventuram a aproveitar os novos tempos da abertura para falar dos militares. O medo ainda é mais forte, apesar de inegáveis avanços. E temos que admitir que esse medo é até natural, pois recém estamos tentando querer sair de quinze anos de dominação militar.

Entretanto, se realmente desejamos discutir um caminho democrático para o Brasil é imprescindível, fundamental, até, avaliar o posicionamento dos militares no contexto social. Cremos que a grande maioria dos homens fardados também estão dispostos a pensar no assunto. E tudo é muito simples. Acontece que se os militares continuarem ocupando uma posição que poderíamos chamar de hipertrofiada, o restante da sociedade continuará capenga.

Fosse o Brasil um regime democrático não estaríamos agora querendo questionar o lugar do homem de farda. Seria a mesma coisa que perguntar sobre a situação do médico, do engenheiro agrônomo, do político, do jornalista. Para esclarecer um pouco mais imaginem uma sociedade dominada pelos advogados. Quer dizer, o que é apenas uma parcela, uma parte, se transforma no todo, no global.

Nos últimos tempos o chamado sistema que nos governa e com mão de ferro, não cansou de dizer que lugar de padre é rezando missa, de estudante na escola, de jornalista no jornal, de operário na fábrica. O rosário foi e vem sendo desfiado há muitos anos. Nós, a estas alturas dos acontecimentos, não argumentamos que lugar de militar é no quartel. Não argumentamos porque não temos a visão estreita de achar que o militar deve ficar confinado à caserna, que o padre deve ficar confinado ao templo, que o estudante deve ficar confinado nas quatro paredes da sala de aula. A profissão parece uma questão accidental, pois acima dela está o cidadão, com ou sem farda, comprometido com a sociedade em que vive, responsável pelas coisas do País, no seu sentido mais amplo. Tanto é assim que, não tememos em afirmar que se a coisa for limpinha, direitinha, democrática, na boca de urna, com voto livre, universal e secreto, posso optar por um militar para Prefeito, para

Governador, para deputado, para Presidente. E isso não vai significar um governo militarista, pois o homem de farda, em instância maior, é apenas uma parte da sociedade e com ela está integrado numa relação de interdependência como está o agrônomo, o veterinário, o engenheiro.

Fugir dessa questão é cometer um erro grave para com a sociedade, para com o País e para com os próprios militares. É cometer um crime contra a democracia. Não cabe, aqui, aida, amplas ou mais profundas elocubrações sobre o papel das Forças Armadas nos países pobres, nos chamados países do Terceiro Mundo, particularmente na América Latina. Vejam bem porque. Partimos do pressuposto que insistir num termo como "sociedade civil", como ponto de referência à dominação das armas, é um tanto quanto perigoso. Isto porque o Brasil tem um amanhã, coisa que muitos não tem. Explico. É o caso, por exemplo, da Bolívia, onde os militares fazem e desfazem com uma cruza incrível. Mesmo com a dominação militar existente, por razões históricas, políticas ou sociológicas, o Brasil não pode ser comparado à Bolívia. Algum dia se a coisa não mudar o caminho natural é chegar lá, mas hoje seria uma leviandade muito grande colocar as duas situações no mesmo plano.

Precisamos lembrar que, basicamente, foi a indústria do anti-comunismo que levou os militares ao poder no golpe de 64. Foram dadas outras desculpas como inflação galopante, dependência externa e corrupção, mas fundamentalmente essa coisa horrorosa chamada anti-comunismo. E, quinze anos depois, o que se vê??? Os militares mais conscientes, e não são poucos, também se colocam essa questão, tentam responder essa questão. Mas o que se vê??? Primeiro que a indústria do anti-comunismo continua funcionando a todo vapor e, o que é lamentável, permitindo que outros interesses joguem com nosso destino de nação livre, independente, soberana e interdependente. Segundo, que a inflação volta a bater seus próprios recordes, volta a seu auge. E, terceiro, que a corrupção, meu Deus, de tão deslavada é denunciada até por ministros de Estado. E, podemos botar uma quarta colocação, realmente inquietante, isto é, dados oficiais revelam que temos algo como vinte milhões de menores andando por aí sem saber no que

poderá dar o amanhã.

Essa é a realidade. Uma realidade que um regime forte não conseguiu mudar. Então, qual o caminho??? Cremos que devemos escolher o mais duro, o mais sacrificado, mas, também, o mais correto, o mais definitivo. E qual é??? Passar a traçar os destinos da Nação colocando todos no mesmo barco, fazer o povão, nas suas contradições, nas suas filosofias, nas suas ideologias, nas suas posições políticas encontrar a saída, buscar a solução. O resultado vai ser maravilhoso: democracia. Muitos vão dizer: "isso não passa de uma utopia". Utopia??? Nem tanto e os exemplos estão aí, basta ver a real, concreta situação dos países latino-americanos que decidiram usar a força para solucionar seus problemas. Nós que gostamos de exemplo não conseguimos assimilar todos aqueles que de 1.500 para cá estão acontecendo no dia a dia sul-americano

E, além disso tudo, há um detalhe que começa a ser explicitado mais claramente. Acontece que os militares tomam consciência de que passam a levar a culpa de tudo. Não é correto que assim seja, mas é compreensível que aconteça depois desses anos todos de exceção.

Então, repensar toda nossa história recente, neste momento de reacomodações, sem avaliar, discutir, posicionar o homem de farda pode diminuir a intensidade da luz que aparece no fim do túnel. A Nação está na obrigação de repensar tudo. Todos devem usar a cabeça para rever papéis, missões, obrigações, direitos. É o que se vê, lamentavelmente, são receios, medos de enfrentar a questão das Forças Armadas diante da abertura. O que todos desejam é o retorno à normalidade com um mínimo de trauma para o conjunto social e isso não será conseguido se ficarmos fazendo rodeios, retas tortas, curvas demasiadamente sinuosas. Se estamos a exigir um comportamento coerente dos políticos, dos trabalhadores, dos intelectuais necessário se faz a mesma exigência de quem deteve e detém o poder que são os militares. Isto porque, apesar dos pesares, apesar de desvios, de problemas graves, das tensões que pairam no ar, das tentativas de boicotes acreditamos na abertura, acreditamos que buscamos, em maioria, a democracia, sem adjetivos, sem meias palavras. E isso, para ser realidade amanhã, precisa da participação de todos.

ESPORTE'S

CARLOS
ALBERTO
FONSECA

Necessitamos de um ginásio municipal de esportes?

A grande questão foi lançada. Merecemos, ou melhor, temos condições e necessidade de um ginásio municipal de esportes? A questão não é fácil, sabendo-se, de antemão, que a comunidade precisa de outros benefícios primordiais antes de um ginásio municipal. Entretanto, há que se considerar as dificuldades encontradas pela Diretoria de Desportos e Recreações em programar competições, por falta de um local, um ginásio, sob seu total controle. Dois pesos. Duas medidas, distintas.

Passo Fundo precisa, necessariamente, dum ginásio? Precisa. Passo Fundo tem obras mais urgentes? Tem. Então, é de ordem se questionar o que de mais importante e premente, deve se realizar. Particularmente gosto do esporte. Acho que deu para notar, por aqueles que acompanham O Nacional, embora ultimamente meu tempo nesse setor esteja diminuindo em virtude de outros compromissos de redação e também porque o futebol anda pouquinho... Penso, assim, que poderíamos encontrar alternativas, nesse momento, de ocupar para obras de infraestrutura, nos bairros e vilas, essa verba (que é grande) dotada para a construção. E ativamos convênios com ginásios, principalmente com o Capingui, do qual a municipalidade tem uma boa parcela, já que incrementou suas obras quando estas estavam paralisadas.

Tenho, assim como a comunidade, acompanhado o esforço que o dr. Santo Verzeleti tem feito em prol do esporte, principalmente o amador, de nossa terra, junto com poucos assessores. Contando, em maior parte, com a colaboração de atletas e poucos recursos. Contando em maior parte, com a colaboração de atletas e poucos recursos. Quantas vezes o Santo, o prof. Renato e outros chegaram para mim, dizendo "temos várias promoções, mas faltam ginásios. Dá um toquezinho no jornal para nós".

É uma questão, essa da falta de um ginásio municipal, a ser considerada. É muito. Mas, dentro de uma estrutura em que os problemas básicos sejam sanados. Numa estrutura municipal onde o pessoal das vilas, principalmente -, tenha condições de sair do seu lar (?) até o local de trabalho e não precisa se embarrar nos dias de chuva. Por exemplo. Não é uma

crítica. A administração do Prefeito Wolmar Salton, porque este é um setor que ele tem se preocupado com vivo interesse. Mas sempre há algo mais a fazer, empenhamento, calçamento, etc. Mas o Prefeito está se preocupando com isso, embora tenha recursos não suficientes para o que tem em mente junto com seu secretariado.

Sabemos que muito há que se fazer a nível nacional, para que os municípios também tenham condições de melhor condutir bem os seus convívios. As prefeituras estão em crise financeira (isso o próprio Prefeito Wolmar Salton me contou na semana passada) e se não for enviado um novo projeto tributário, onde os recursos sejam maiores às administrações municipais, não se sabe o que irá acontecer. Isso também foi dito pelo Prefeito, acrescentando que a situação é geral, tendo sido debatida no recente encontro de Prefeitos do Rio Grande do Sul. Não estou me desviando do assunto, mas argumentando.

Além disso, e talvez poucos saibam, os vereadores terão seus salários aumentados substancialmente (e acho justo, porque há que se ter motivação para se desenvolver um bom trabalho). Em consequência serão dispendidos mais recursos às Camaras. E vejamos a situação de Passo Fundo, conforme, também, me revelou o Prefeito Wolmar Salton. O orçamento que está em discussão, prevê, se não me engano, uma verba mensal de mais de 800 mil cruzeiros para a Camara. Com o aumento de salários dos vereadores, aumentam as despesas e o nosso Legislativo vai ter que receber em torno de um milhão e duzentos mil cruzeiros mensais. Diante disso, algumas obras da Prefeitura Municipal terão que ser prejudicadas. E teme o Prefeito, pois ainda há estudos, que a parte de calçamento público (o que mais a administração, justamente, tem se voltado) seja diminuída, trazendo problemas às comunidades de vilas que esperam essas melhorias.

Diante do exposto, ficaria satisfeito o pessoal dos bairros, vendo uma imponente construção de um ginásio municipal de esportes, sem ter como sair de suas casas, por falta de calçamento, mormente em dias chuvosos, para ir até esse local, fazer lazer? Cremos que não. Ora, a Diretoria de Desportos, que tanto tem feito pelo

amadorismo, poderia elaborar um planejamento, onde fosse mais utilizado seu horário no ginásio Capingui, que se mudasse seu espaço lá concedido, para os fins de semana. É uma das reclamações do Santo é de que os horários estabelecidos para a diretoria de desporto são em dias em que fica difícil o pessoal se locomover por várias razões, estudo, trabalho, etc. Pode ele horários em sábados e domingos, para facilitar seu planejamento. É acho que com uma boa conversa com a diretoria do Capingui poderia ser equacionada o impasse.

Além disso, poderia a DDR entrar em contato com os responsáveis pelos ginásios esportivos da cidade. Cremos que ante a exposição de objetivos, de difundir cada vez mais o esporte, e com a cobertura da própria administração. Verzeleti poderia conseguir cedência de alguns horários. Acho que o Prefeito não se incomodaria, também, de dar uma mãozinha nesse sentido, contactando com os administradores dos ginásios. Assim, se matariam dois coelhos numa cajadada. Isto é, a Diretoria de Desportos e Recreações teria atenuado seus problemas e a verba superior a cinco milhões que está destinada ao ginásio municipal, poderia ser repassada para o setor de calçamentos; presentemente.

Então, não sou contra a realização de um ginásio de esporte. Sou favorável, mas em outra realidade. Isto é, onde existam as condições necessárias para o bom desenvolvimento comunitário. E, ainda, um dado que me foi fornecido nessa semana, o Centro Social Urbano vem aí, proporcionando mais locais para a prática esportiva. Ainda, além dos ginásios já existentes, se bem que com horários pagos (fora o do SESI, e muita procura, diga-se pois esporte é saúde - olha a Globo - foi inaugurado recentemente um ginásio do Seminário Diocesano e oferece vagas. Quem sabe, ali, também, uma conversinha do Verzeleti com os responsáveis pela obra, conseguindo alguns horários, gratuitos. Está posta a questão. Dou força ao ginásio municipal de esporte. Mas dou força, primeiramente, para a concretização de obras que digam mais de perto à comunidade, tão sequiosa de melhoria social.

KOLUNA 3

Ivaldindo A. TASCA

CONSTRUTORES

«Esperamos de dentre esses jovens revoltados surjam os verdadeiros e sensatos construtores do futuro, aqueles que conseguirão derrubar as fronteiras ignominiosas do preconceito e do medo». Frase de um artigo assinado por Ceres e contido no jornal «Cebolinha», de março, editado pelo Grêmio do Notre Dame. «Esses jovens revoltados» referidos no artigo são os inofensivos e temidos «hippies». Para início de qualquer conversa, mereceria um estudo à parte o fato de um tipo de contestação nascida no fermento de uma sociedade empanturrada de dinheiro poder receber acolhida em sociedade empanaturadas de miséria e fome. Aldeia global? Pode ser.

As coisas ficam encardidas quando falamos em preconceito e medo. Particularmente entre os povos sub-desenvolvidos. Com relação aos «hippies» eles, além de nascerem de sociedades que estão mais perto da loucura do que da fome são colocados na marra no rol daquilo que se convencionou chamar «sérios problemas sociais». Apesar de não matarem ninguém, alguns acham que são mais perigosos que o cancer e o transito. Surge daí a notoriedade. Guerra e fome não entram em cogitação para esses, pois levam sempre a perigosas interrogações.

Apesar de ser um indício de resistência, dificilmente serão os «hippies» os que derrubarão algumas fronteiras ignominiosas, muito menos as do preconceito e do medo. Estes dois sempre andaram de mãos dadas e, hoje, mais do que nunca. Agora, porém, as fogueiras não contam mais. Servem de exemplos. Pior que elas temos as ditaduras das repúblicas da banana, do cobre, do chá. Nestas os «hippies» são uma questão impertada. Misteriosamente eles contribuem para que permaneça equilibrada o que os economistas chamam de balanço de pagamentos. Ao menos as do lado de lá.

Inegavelmente o avanço da técnica tornou o planeta bem miudinho e, nele podemos encontrar o que denominamos de «graves questões mundiais». Ninguém é tão burro a ponto de negar isso. Você fecha a torneira do petróleo e está feita a bagunça. Se a ITT, por exemplo, não gosa da cara de um presidente, reformula tudo sobre auto-determinação dos povos. Entretanto, é inegável, também, que o mundo ainda está dividido em duas partes. Existe uma diferença monstruosa entre os que bebem sorrisal para aliviar uma barriga estufada e aqueles que não conseguem terminar com o vácuo estomacal. Há, também, os que dividem o mundo entre povos livres e povos escravos. Geralmente essa distinção depende muito de fuso horário, pois quando não se tem muita noção do lugar onde a gente se encontra sempre aparece alguém para discordar e apontar para uma prisão.

Ressaltamos esses aspectos porque temos a mania de confundir causas com efeitos. E, por essas maravilhas da química social, somos levados a planejar para terminar os efeitos. É o mesmo que contemplar as estrelas caminhando na areia movediça. As causas? Bem, para encontrá-las, depende do nosso grau de preconceito e de medo. Dentro de algum tempo os «hippies» desaparecerão. Isso não significa que os revoltados também. Nisso a esperança de se encontrar construtores. Mesmo porque, se revolta significa ódio e este não vive com a felicidade, não tem importância. Ainda não somos suficientemente inteligentes para fazer a distinção.